

RESUMO

Este artigo discute a mobilização de significados de pertencimento local em jornais sul-rio-grandenses da fronteira com o Uruguai e Argentina, com o objetivo de entender como o espaço fronteiriço é significado no discurso jornalístico local. Para tanto, foram analisados nomes e *slogans* de cinco jornais de três cidades-gêmeas que se limitam com a Argentina (São Borja, Itaqui e Uruguaiana) e de duas que fazem divisa com o Uruguai (Quaraí e Santana do Livramento). O referencial teórico e analítico dialoga com a Lingüística da Enunciação. Os resultados mostram que a fronteira é significada nos jornais a partir de movimentos de inclusão e exclusão do país adjacente como constituinte do espaço fronteiriço local. Tais movimentos dependem, entre outros fatores, da relação com o “outro lado”, que é historicamente e diferentemente constituída em cada ponto específico da fronteira gaúcha.

Palavras-chave: Jornalismo. Fronteira. Pertencimento local.

1 INTRODUÇÃO: A FRONTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL E SEU JORNALISMO

Neste artigo, buscamos discutir como os jornais da fronteira sul-rio-grandense organizam seu discurso por meio de valores de pertencimento local. O discurso do local tem como finalidade a legitimação do jornal junto ao público fronteiriço, que é um público marcado pela vivência em um espaço muito particular no contexto dos Estados Nacionais. Pretendemos discutir que locais e grupos sociais o jornalismo inclui ou exclui do âmbito da fronteira ao produzir sentidos sobre ela e, a partir disso, observar como esses sentidos se relacionam

com as especificidades histórico-sociais de cada lugar particular ao longo da linha demarcatória.

Como assinala Machado (1998), a palavra “fronteira” implica, etimologicamente, o que está na frente e, historicamente, não tinha a conotação de uma área ou zona que marcasse o fim de uma unidade política. Atualmente, porém, a palavra “fronteira” tem uso generalizado para indicar as divisões político-territoriais, porém com um conceito flexível, indicando às vezes o que está para dentro, às vezes o que está do outro lado, e às vezes, aquilo que compõe os dois lados da linha limítrofe. A fronteira é, portanto, em sua significação, um conceito de uma faixa territorial móvel, cuja delimitação depende das relações diplomáticas entre os países e da convivência dos povos na própria região fronteira, entre seus principais fatores.

O Rio Grande do Sul mantém divisas territoriais internacionais com dois países, Argentina e Uruguai, nas quais se encontram nove cidades-gêmeas, segundo dados do Ministério da Integração Nacional (MIN). Essa região fronteira, como toda a fronteira platina (relacionada ao Rio da Prata, limites políticos entre Uruguai, Argentina, Paraguai e Brasil), foi marcada historicamente por grande flexibilidade de limites, conquistados por colonização e guerras, em grandes intercâmbios populacionais e econômicos, que geraram uma relação sócio-cultural muito próxima (GARCIA, 2010).

Na fronteira do RS, assim como acontece com outras atividades econômicas e sociais, também a mídia tem um funcionamento particular. Ela difere da mídia nacional não-fronteira em aspectos que incluem a pluralidade das línguas de enunciação, a inclusão do “estrangeiro” como público-alvo e até mesmo o discurso sobre a fronteira, que, segundo Zamin (2008), significa a fronteira como lugar de relações naturais com “o outro lado” e com o próprio país, ao contrário da mídia nacional que assinala frequentemente os conflitos, criminalidade e marginalidade em relação ao Estado-nação.

Da noção ampla de mídia, destacamos um ramo da atividade midiática que é o jornalismo para compor nosso objeto de estudo. Recortamos nomes e *slogans* de jornais fronteiriços, por entender que estes são “o discurso primeiro” de cada jornal, usado para a construção de sua imagem pública, a qual, por sua vez, se baseia na identificação com os valores de seus leitores. Identificamos esses *slogans* com as frases nominais descritas por Benveniste apud Flores et al.

(2009), as quais, utilizando a ausência proposital de verbo, constituem aforismos. Enquanto forma lingüística, esses aforismos efetuam significativa condensação de sentidos em um único enunciado, além de, como mostra Maingueneau (2010), incluir o enunciado em uma cena de fala em que não há um destinatário nem tempo especificados, gerando uma utopia de uma fala viva sempre disponível.

A partir dessa idéia, selecionamos nomes e *slogans* de jornais brasileiros produzidos em cinco cidades-gêmeas da fronteira do estado do Rio Grande do Sul com a Argentina e Uruguai. O referencial teórico-metodológico para sua análise e interpretação dialoga com a Lingüística da Enunciação e está apresentado no item 2. Resultados e considerações finais buscam responder a questão norteadora deste estudo: quais são os sentidos relacionados a pertencimento local mobilizados pelos jornais fronteiriços e por quais mecanismos ocorre essa mobilização. Veremos que estes sentidos mudam ao longo da linha fronteiriça e que essa variação é reflexo, entre outros fatores, das relações políticas entre países em cada ponto específico da fronteira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: LINGÜÍSTICA DA ENUNCIÇÃO E OS JORNAIS DE FRONTEIRA

Para desenvolver a proposta descrita acima, vamos operar com conceitos da Lingüística da Enunciação, por entender que o conceito de enunciação se aplica aos nossos objetivos de entendimento de um processo lingüístico de significação que tem fortes vínculos com o “aqui-agora”, isto é, com a fronteira e com a atualidade do discurso jornalístico.

O que chamamos aqui de Lingüística da Enunciação é o conjunto das teorias enunciativas, cujo eixo central é a idéia de que a língua possui uma ordem própria que precisa ser atualizada pelo sujeito a cada instância de uso (FLORES; TEIXEIRA, 2005). Émile Benveniste explica que a enunciação constitui um acontecimento único e irrepitível, configurado sempre em uma relação entre enunciador e enunciatário, a partir da qual o sujeito-enunciador se manifesta na linguagem (BENVENISTE, 1988). Essas manifestações da enunciação podem ser recuperadas pelas marcas que deixam na língua (FLORES, 2006).

Em nosso *corpus*, que se conforma na modalidade escrita, com a publicação de vários exemplares do mesmo texto, entendemos que a idéia de irrepitibilidade se aplica à enunciação e não ao enunciado, este sim, repetível. Além disso, a enunciação, nesse caso, não se limita apenas ao momento de produção do enunciado, mas também ao momento de sua leitura e interpretação, ainda que produção e leitura não sejam simultâneos ou aproximados no tempo.

Outra razão que nos levou a optar pelos estudos enunciativos é o fato de que a noção de enunciado se ajusta melhor ao material lingüístico em análise do que noções como frase ou gênero textual. Conforme o Dicionário de Lingüística de Enunciação (Flores et al., 2009), o enunciado significa a “manifestação da enunciação produzida cada vez que se fala”. Desse modo, em sua organização, têm mais peso os aspectos da enunciação do que as regras gramaticais de boa formação sintática. A frase seria um objeto teórico, não observável, de uso dos gramáticos, enquanto o enunciado trata de uma manifestação particular “aqui e agora” de uma frase, cujas características de coesão interna e independência externa definiriam seu limite (DUCROT, 1987). Por isso, o enunciado, neste estudo, não coincide com os limites da frase escrita e nem respeita necessariamente sua estrutura. Assim, nome e *slogan*, apesar de possuírem uma estrutura sintática subjacente (à semelhança de uma frase nominal), são considerados enunciados distintos.

No Quadro 1, estão apresentados esquematicamente os dados sobre o *corpus*, e na Figura 1, aparecem imagens dos nomes e *slogans* dos jornais, extraídos de suas capas.

Cidade	Fronteira com	Nome do Jornal (Enunciado 1)	<i>Slogan</i> (Enunciado 2)
<i>São Borja</i>	<i>Santo Tomé-AR</i>	<i>Folha de São Borja</i>	<i>Credibilidade e conteúdo</i>
<i>Itaqui</i>	<i>Alvear-AR</i>	<i>Folha de Itaqui</i>	-
<i>Uruguiana</i>	<i>Paso de los Libres-AR</i>	<i>Diário da Fronteira</i>	<i>Diário da fronteira 10 anos (1999-2009) Registrando a história de Uruguiana e região</i>
<i>Quaraí</i>	<i>Artigas-UY</i>	<i>Folha de Quaraí</i>	<i>Terra Sentinela do Jarau</i>
<i>Santana do Livramento</i>	<i>Rivera-UY</i>	<i>A Platéia</i>	<i>O jornal de maior circulação e credibilidade da fronteira</i>

Quadro 1 – Cidades, cidade-gêmea, nomes e *slogans* dos jornais fronteiriços escolhidos para estudo.



Figura 1 – Imagens de nomes e *slogans* dos jornais fronteiriços

A seleção dessas cidades fronteiriças obedeceu a certos critérios, tais como a classificação como cidade-gêmea pelo MIN; a evidência de importância sócio-econômica para a região e a distribuição geográfica ao longo da linha divisória que contemplasse divisas tanto com a Argentina quanto com o Uruguai. Já a escolha dos jornais se baseou em critérios de tempo e grau de circulação na região.

Com relação à operacionalização da análise do *corpus*, neste estudo, categorias largamente utilizadas no âmbito da gramática tradicional serão mobilizadas, especialmente aquelas relacionadas à sintaxe, pela contribuição que elas produzem para o entendimento dos aspectos formais da linguagem e pela larga difusão de sua nomenclatura, concordando com a proposta de Flores et al. (2009). Todas essas estruturas serão, porém, interpretadas a partir do ponto de vista dos estudos da enunciação, isto é, buscando restabelecer a ligação do enunciado com o aqui-agora de seu proferimento.

3 OS SENTIDOS DE PERTENCIMENTO LOCAL NOS JORNAIS DE FRONTEIRA

Como o intuito deste artigo é discutir apenas as questões relacionadas a pertencimento local e de maneira breve, muitos outros (interessantes) aspectos da significação na linguagem nesse *corpus* serão omitidos. Apresenta-se, na

seqüência, a análise de cada jornal em separado, para depois efetuar uma discussão comparativa do que foi observado.

a. Jornal Folha de São Borja

Enunciado 1: *Folha de São Borja*

Enunciado 2: *Credibilidade e conteúdo.*

Temos, no enunciado 1, como núcleo do sintagma, a palavra *Folha*, cujos adjuntos adnominais são *de São Borja*. Semanticamente, o núcleo remete ao produto jornalístico em questão: trata-se de uma folha e não de um diário ou de um jornal. Já os adjuntos atribuem características específicas a esse produto, e tais características se marcam pelo vínculo territorial. Tanto a preposição *de*, que assinala origem, proveniência, quanto *São Borja*, que remete à cidade de São Borja no RS, cumprem esse gesto semântico de remissão ao lugar. O nome do jornal, portanto, através do substantivo próprio, produz sentidos de vínculo com a cidade de São Borja, a qual se constitui em seu espaço de enunciação.

O *slogan* não marca valores territoriais, mas jornalísticos, o que significa a atribuição de um peso parecido para esses dois conjuntos de valores no discurso do jornal, diferentemente do que acontece com outros jornais fronteiriços, que marcam de maneira mais enfática a questão da localização.

b. Jornal Folha de Itaqui

Enunciado 1: *Folha de Itaqui*

Enunciado 2: -

A Folha de Itaqui é o único do cinco jornais analisados que não apresenta *slogan* e seu nome (enunciado 1) se organiza de forma semelhante à da seqüência *Folha de São Borja*, com a diferença de que o núcleo do sintagma é *Folha* (e não *Diário*) e os adjuntos adnominais são *de Itaqui* (e não *de São Borja*). De qualquer maneira, também *de Itaqui* é uma remissão ao lugar de enunciação do jornal, o município de Itaqui-RS, construída lingüisticamente pelo uso da preposição *de* e pela palavra *Itaqui*.

A ausência de *slogan* marca o silenciamento de outros sentidos possíveis, fazendo com que os valores de pertencimento presentes no nome do jornal constituam toda a significação necessária para o enunciado aforístico da Folha de Itaquí.

c. Jornal Diário da Fronteira

Enunciado 1: *Diário da fronteira*

Enunciado 2: *Registrando a história de Uruguaiana e região*

Enunciado 3: *10 anos (1999-2009)*

O núcleo do enunciado 1 é *Diário* e seu adjunto adnominal *da Fronteira*. Já o núcleo do enunciado 2 é *história* e seu adjunto *de Uruguaiana e região*. Por paralelismo sintático, *Diário* está para *história*, assim como *Fronteira* está para *Uruguaiana e região*. Logo, temos os sentidos de *história* delimitados pela idéia de *diário* e os sentidos de *fronteira* delimitados pela idéia de *Uruguaiana e região*: o jornal escreve a história diária da Fronteira, que é Uruguaiana e região. Trata-se de uma fronteira bem delimitada, que não inclui, por exemplo, toda a zona fronteira com Argentina e Uruguai no RS.

Esse paralelismo acima assinalado está marcado nas preposições *da fronteira* e *de Uruguaiana e região*. Também as preposições, nesses exemplos, produzem sentidos de pertencimento. A fronteira tem um jornal, que é o Diário da Fronteira. Ao apontar a fronteira como local de pertencimento, também, o enunciador inclui potencialmente o país vizinho, já que a fronteira pressupõe uma divisão que, em princípio, integra os dois lados da linha divisória, a menos que seja especificada. A presença da palavra *fronteira* no nome do jornal revela a importância da vinculação à região, à localização sócio-espacial, afirmando como o fenômeno da divisão política com os países vizinhos projeta uma forte identificação no imaginário social local. Afinal, outras nomeações para a região também são bastante difundidas, como pampa e campanha, mas aparentemente essas designações político-administrativas internas do país são menos fortes no sentimento popular do que a divisão externa, isto é, a fronteira com os países vizinhos.

Pensando em termos negativos, vemos que essa fronteira não trata da “região de Uruguaiana”, mas de *Uruguaiana e região*, isto é, o uso de uma conjunção coordenada aditiva difere e destaca Uruguaiana em relação à região, em vez de integrá-la, cujo efeito de sentido poderia ser produzido pela preposição “de”. Assim, o enunciador demarca seu espaço principal de enunciação - a cidade de Uruguaiana – a partir do substantivo próprio, e seu espaço secundário de enunciação – a região - a partir de um substantivo coletivo para, nesse caso, cidades.

d. Jornal Folha de Quaraí

Enunciado 1: *Folha de Quaraí*

Enunciado 2: *Terra Sentinela do Jarau*

O enunciado 1 se constrói sintaticamente e semanticamente de maneira semelhante aos enunciados equivalentes em *Folha de Itaqui* e *Folha de São Borja*, mudando apenas a cidade de referência.

O enunciado 2 pode ser entendido como uma oração predicativa, se considerarmos que o verbo subentendido é *ser*. Desse modo, o enunciado 2 constitui um predicativo para o enunciado 1: a característica da Folha de Quaraí é ser a Terra da Sentinela do Jarau. No entanto, por uma questão lógica, é instantânea a conclusão de que a Terra da Sentinela do Jarau é *Quaraí* e não a *Folha de Quaraí*. Vemos, então, que ocorreu, nesse caso, um processo de sobreposição semântica entre o jornal e a terra. O jornal se significa como o próprio lugar, como se ele mesmo fosse o território.

A idéia de pertencimento ao território aparece marcada no nome do jornal, enunciado 1, em um processo semelhante ao que ocorreu com *Folha de São Borja* e *Folha de Itaqui*. Mas ela é fortemente intensificada no enunciado 2, em que *terra* é o núcleo do sintagma e *Sentinela do Jarau* os adjuntos adnominais. A palavra *terra*, cujos significados podem variar desde o planeta até o local de plantação, segundo o Dicionário Aurélio (Ferreira, 2004), nesse caso serve como indicativo de lugar, mas de um local geográfico, físico, natural e não de um lugar geopolítico, artificialmente delimitado, por exemplo.

Esse local físico é identificado como pertencente à *Sentinela do Jarau*: Quaraí e jornal são a terra dessa sentinela. O Jarau é uma pequena cadeia de montanhas que se ergue abruptamente na planície do pampa, possivelmente como resultado da queda de um meteorito (NOGUEIRA, 2010). Essa formação geográfica improvável na planície gerou lendas populares no folclore gauchesco, incluindo a lenda da Salamanca do Jarau, uma serpente que morava no Cerro do Jarau e se transformava em uma linda mulher que seduzia os homens (LOPES NETO, 2009). A Salamanca do Jarau é considerada a lenda que explica a formação mestiça do povo rio-grandense

Já a “sentinela” (segundo o Dicionário Aurélio, 2004, “soldado armado que se coloca próximo de um posto para o guardar, para prevenir da aproximação de inimigo; qualquer coisa elevada em lugar deserto”) tem origem na Revolução Farroupilha (1935-1945), momento em que o Rio Grande do Sul buscou construir um Estado independente do império brasileiro e razão pela qual os farroupilhas construíram um local estratégico de observação dos passos imperiais no pampa no alto do Cerro do Jarau (NOGUEIRA, 2010).

Assim, todas as seleções lingüísticas do enunciado 2 (*terra, sentinela, do, Jarau*) produzem significados de origem, de luta pela terra, de vínculos culturais, de terra enquanto espaço físico, e produzem fortes sentidos de pertencimento ao lugar, que é Quaraí. Esses significados são deslocados ao jornal por sua sobreposição à cidade, de modo que a Folha do Quaraí passa ser o local de origem, o local de luta, o local no mapa, o local da cultura.

e. Jornal A platéia

Enunciado 1: *A platéia*

Enunciado 2: *O jornal de maior circulação e credibilidade da fronteira*

O núcleo do enunciado 1 é o substantivo *Platéia* e seu adjunto adnominal apenas o artigo definido *A*. Já o núcleo do enunciado 2 é *jornal* e seu adjunto *de maior circulação e credibilidade da fronteira*.

A questão produtora de sentidos nesse enunciado está mais bem relacionada às posições dos elementos sintáticos do que aos seus núcleos. Em primeiro lugar, como o nome *A Platéia* não inclui nenhum indicativo de que se trata de um jornal, essa idéia é retomada no enunciado 2, em que a palavra *jornal* é explicitamente marcada. Esse movimento constitui uma especificação do nome, um esclarecimento sobre o significado de *A Platéia*. Na seqüência, o adjunto adnominal *de maior circulação e credibilidade da fronteira* coloca como qualidades combinadas *circulação* e *credibilidade*, unidas pela conjunção aditiva *e*. Porém, a alocação de *circulação* antes de *credibilidade* sugere significados de primazia para o valor geográfico do consumo em relação ao valor credibilidade.

Além disso, a ordem de alocação no enunciado dos adjuntos adnominais *de maior e da fronteira* revela a importância do advérbio de comparação, *maior*, gerando significados de competição com outros jornais. Assim, a *Platéia* é, entre os jornais, aquele que mais tem circulação e credibilidade na fronteira. Observe-se também que ao situar *da fronteira* no final do enunciado e não próximo de jornal apaga-se a idéia de “jornal de fronteira”, fazendo com que a maior circulação e a maior credibilidade se dêem em comparação também com jornais não fronteiriços, isto é, que são produzidos em outros pontos do estado ou país, mas que podem circular também nessa região.

O nome do jornal se constrói a partir do uso de um determinante singular feminino (*A*) para determinar um substantivo coletivo para espectadores (*Platéia*). Interessante observar que *platéia* produz sentidos relacionados à arte, a espetáculo, por um lado, e de observação, análise por outro. E de uma observação sem interferência, mas com capacidade de crítica. Assim, o nome do jornal *A platéia* faz emergir sentidos que colocam o jornal em uma posição de observador e avaliador público do espetáculo que é a vida.

No caso de *A platéia*, a territorialidade não está no nome do jornal como acontece em todos os outros analisados, mas aparece marcada no seu *slogan*.

Nos jornais analisados, vemos que, nos seus *slogans*, sentidos do fazer jornalístico são mesclados a sentidos de pertencimento, em maior ou menor medida. Os sentidos de pertencimento podem estar no nome do jornal (*Folha de Quaraí, Folha de Itaqui, Folha de São Borja, Diário da Fronteira*) ou em seu *slogan* (*Registrando a história de Uruguaiana e região; O jornal de maior circulação e credibilidade da fronteira; Terra Sentinela do Jarau*) ou em ambos.

Nesse sentido, vemos que os jornais Folha de São Borja e Folha de Itaqui marcam seu pertencimento apenas no nome da cidade, logo, a partir de uma localização e divisão política do lugar. Eles criam semanticamente como seu lugar de enunciação e circulação um município, portanto um limite político, dentro do Brasil. Como o *slogan* de um envolve valores jornalísticos e o outro não possui *slogan*, esses locais não são ressignificados por outros sentidos territoriais ou de pertencimento.

Esses dois municípios, São Borja e Itaqui, fazem fronteira com a Argentina, com uma linha divisória traçada pelo Rio Uruguai. Entre Itaqui e sua cidade-gêmea Alvear até os dias de hoje não há ligação terrestre, e a ponte constitui atualmente um assunto em debate entre os chefes políticos de Argentina e Brasil; entre São Borja e sua cidade-gêmea, Santo Tomé, a ponte foi concluída apenas em 1997. A impossibilidade de acesso por terra no caso de um e a recentidade desse processo no caso do outro mostram o menor grau de comunicação (pessoal/direta) nesses dois pontos da fronteira brasileira com a Argentina, o que está refletido nos jornais analisados, que marcam seu nome pela cidade e seu *slogan* por valores jornalísticos.

O mesmo não se pode dizer de Uruguiana, cidade que faz fronteira com a Argentina, mas está muito próxima do Uruguai e possui uma ponte unindo-a a Paso de los Libres, na Argentina, desde 1945. O jornal Diário da Fronteira marca o seu pertencimento no nome e o ressignifica no *slogan Registrando a história de Uruguiana e região*. Temos aqui um processo de remissão ao território, em que o território não é um país, nem mesmo uma cidade, mas sim um local que não é reconhecido por nenhum Estado como sendo efetivamente uma região geopolítica: a fronteira. A fronteira é uma faixa existente dos dois lados de uma linha divisória limítrofe e um local de difícil precisão, como explica Zamin (2008), e pode significar tanto uma divisão como uma união, segundo Machado (1998). Logo a territorialidade, no caso fronteira, se dá sobre um local não reconhecido politicamente, mas fortemente presente no imaginário social local.

O Diário da Fronteira trata de, em seu *slogan*, ressignificar esse local chamado fronteira, de estabilizar seus limites, os quais, como vimos, são móveis. E os limites dados à fronteira por esse jornal são Uruguiana, como centro irradiador, e região, como espaço receptor. A fronteira é o que está em torno de Uruguiana, inclusive, a Argentina, isto é, outro Estado-nação.

A fronteira também é mobilizada como local de pertencimento de A Platéia, de Santana do Livramento, mas dessa vez sem especificações. Por que A Platéia não especifica a fronteira? Por que esta é ampla demais? Óbvio demais? Ou móvel demais? Santana do Livramento e Rivera constituem as cidades-gêmeas mais integradas da fronteira brasileira e o último local em que a linha divisória foi traçada, no RS, depois de inúmeras negociações entre Brasil e Uruguai (GARCIA, 2010). Como não há obstáculos naturais separando uma cidade da outra, elas se repartem por uma avenida que une os dois centros das cidades. A mobilidade dessa linha divisória foi intensa na história da diplomacia rio-platense e o intenso fluxo para os dois lados também estende a fronteira até pontos difíceis de delimitar. A fronteira, então, não é Santana do Livramento e seu redor; a fronteira nesse ponto da região platina pode ser mais ampla, indefinível até.

Por fim, a Folha de Quaraí marca seu pertencimento local a partir da sobreposição semântica entre o jornal e a própria cidade de Quaraí, em que o *slogan Terra Sentinela do Jarau* remete não à cidade de Quaraí, mas ao próprio jornal. Nesse caso, os sentidos de pertencimento são mobilizados a partir de um marco físico, a cadeia de morros chamada Cerro do Jarau, e de dois marcos históricos, a lenda da Salamanca do Jarau e a Revolução Farroupilha. Como essa revolução foi a que pretendeu separar o território gaúcho do restante do Brasil e como a lenda da Salamanca conta as origens dos habitantes do pampa, nesse *slogan* são retomados valores que remetem à fronteira e ao seu povo, a um lugar e a uma gente, cujos vínculos não são com o Brasil ou com outro país, mas com o próprio local fronteiriço. Quaraí e Artigas estão ligadas por uma pequena ponte sobre o Rio Quaraí, construída em 1968, e constituem um ponto de intensa relação na fronteira Brasil-Uruguai.

Vê-se então que, nas comparações entre a fronteira Brasil-Argentina e Brasil-Uruguai, as diferenças no grau de integração entre os países nesses locais podem estar refletidos nos nomes e *slogans* de jornais fronteiriços. Neles, o local pode ser uma cidade simplesmente, sem outros significados complementares ao lugar que possam situá-la geograficamente, historicamente ou culturalmente. Em outros casos, o local pode ser a fronteira, como espaço autônomo, independente das divisões políticas de seus países, assumindo diferentes significados, diferentes extensões ou até amplitudes indefiníveis. Quanto mais nos aproximamos do Uruguai e suas fronteiras sem divisões naturais, de cidades

separadas por marcos ou por pontes de ligação antigas, mais os sentidos de pertencimento são mobilizados pelos jornais, mais a fronteira como espaço independente é mencionada, mais os aspectos culturais e históricos locais são evidenciados.

Esses significados são mobilizados aforisticamente pelos jornais pela identificação que geram com um público cuja vida é marcada pela necessidade de situar-se, de posicionar-se deste ou do outro lado, mas que ao mesmo tempo pode sentir-se parte de um único lugar cultural, geográfico e social, mesmo que politicamente dividido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma rápida busca na memória mostra que, no Brasil, encontramos facilmente tanto jornais que fazem como jornais que não fazem referência ao seu local de produção/circulação em seu nome (Zero Hora, Correio do Povo, Diário Catarinense, Folha de São Paulo, etc.) e *slogans*. No entanto, na fronteira do RS essa referência ao lugar se mostra muito importante, sendo constantemente retomada no discurso jornalístico local. Por que na fronteira é tão importante marcar o lugar de onde se enuncia? Talvez pelo fato de ela ser um lugar de divisão, e seus moradores estarem constantemente sujeitos a apresentar sua origem nas conversas, nas aduanas, nos locais de comércio. Talvez por sentirem-se à margem do Estado-nação e tentarem assim se vincular a um lugar, seja ele o fronteiriço, seja ele o nacional.

Além do discurso sobre a fronteira em si, sobre os países fronteiriços, sobre os sujeitos dessa região, também contribui para o entendimento das relações nesse espaço, o estudo da própria língua em que se efetua esse discurso. Ou seja, em um espaço em que circulam várias línguas, a escolha de qual delas usar para enunciar já significa uma divisão, uma vinculação a um ou a outro Estado-nação, por razões que cabe ao estudioso discutir. Neste estudo, por exemplo, todos os nomes e *slogans* de jornais estavam em português, marcando, portanto, já na capa, o local geopolítico da enunciação. Por mais que a fronteira estivesse mencionada no nome ou no *slogan*, a língua já significava o lugar de onde se fala, e esse lugar não é somente um ponto na geografia, mas sim um ponto no universo dos valores que o enunciador compartilha. O estudo da língua

em que se enuncia na fronteira é, assim, também, campo fértil para futuras investigações.

VALORES DE PERTENECIMIENTO LOCAL EN EL PERIODISMO FRONTEIRIZO

RESUMEN

Este artículo discute la movilización de significados de pertenecimiento local en diarios sur-riograndenses de la frontera con Uruguay y Argentina, con el objetivo de entender como el espacio fronterizo es significado en el discurso periodístico local. Para eso, fueron analizados nombres y *slogans* de cinco diarios de tres ciudades-gemelas que limitan con Argentina (São Borja, Itaqui e Uruguaiana) y de dos que hacen divisa con Uruguay (Quaraí e Santana do Livramento). El referencial teórico y analítico dialoga con la Lingüística de Enunciación. Los resultados muestran que la frontera es significada en los diarios a partir de movimientos de inclusión y exclusión del país adjunto como constituyente del espacio fronterizo local. Estos movimientos dependen de la relación con “el otro lado”, que es históricamente y distintamente constituida en cada punto específico de la frontera gaucha.

Palavras-clave: Periodismo. Frontera. Pertenecimiento local.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. São Paulo: Pontes, 1988.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FERREIRA, A.B.H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3 ed., Curitiba: Editora Positivo, 2004. Versão eletrônica 5.11^a.

FLORES, V.N; TEIXEIRA, M. *Introdução à Lingüística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, Valdir. Sujeito da enunciação ou sujeito do enunciado: exterioridade e interioridade teórica no campo da lingüística da enunciação. In: *Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, 7, 2006, Pelotas, RS.

FLORES, Valdir; BARBISAN, Leci, FINATTO, Maria José, TEIXEIRA, Marlene. *Dicionário de Lingüística e Enunciação*. São Paulo: Contexto 2009.

FLORES, Valdir; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

GARCIA, Fernando Cacciotore de. *Fronteira iluminada: história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LOPES NETO, Simões João. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Porto Alegre: LP&M, 2009.

MACHADO, L. O. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, T. M. et al. *Fronteiras e Espaço Global*, AGB-Porto Alegre, Porto Alegre, 1998, p.41-49. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/fronteiras/pdf/LimitesPAlegre1998.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

MATZENAUER, Carmen L. B. et al. (orgs.). *Anais...* Pelotas: EDUCAT, 2008. p. 1-6. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/07/dir2/1.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2010.

NOGUEIRA, Salvador. Os mistérios do Jarau: queda de meteorito formou cadeia de morro no oeste do RS. In: *Pesquisa Fapesp online*. Edição 169, março de 2010. Disponível em: <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/site_teste/extras/imprimir.php?id=4086&bid=1>. Acesso em: 28 nov. 2010.

ZAMIN, A. M. *A discursivização do local-fronteira no jornalismo: estudo de caso de programas jornalísticos em rádios comunitárias*. Dissertação (mestrado em Ciências da Comunicação). São Leopoldo, Unisinos, 2008.